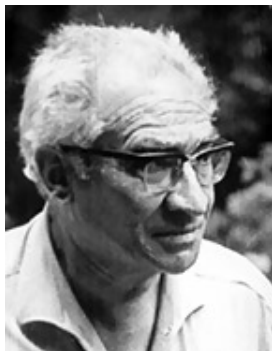


DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



TORRES, Flausino Esteves Correia (Almeida, 1906 – Tondela, 1974)

Flausino Torres pertence aos intelectuais cujos desejos foram quebrados pela mecânica do Estado Novo. Pela suspeita de ser um inimigo da Situação, foi impossibilitado de reger qualquer cadeira, até mesmo de trabalhar como professor no ensino secundário. Encontrou-se então submetido a uma vida marginalizada, tanto intelectual quanto fisicamente, quando inalmente decidiu exilar-se. Eis o conturbado percurso deste historiador.

De mãe desempregada e de pai Sargento-Ajudante de Cavalaria e monárquico convicto, Flausino Torres nasceu na Beira Alta e fez os estudos primário e secundário em Viseu, depois de uma efémera passagem pelo seminário onde recusou seguir a via eclesiástica. Chegou em 1925 a Coimbra para formar-se na Faculdade de Letras, inscrevendo-se em Histórico-Filosóficas. Desenvolveu muito rapidamente atividades políticas nos seus primeiros anos de licenciatura, período quase coincidente com o início da ditadura militar. Republicano, o seu posicionamento de esquerda levou-o a ser representante da Associação Académica de Coimbra como Diretor-bibliotecário. Também foi membro da loja maçónica, a *Revolta*, até o encerramento das sociedades secretas em 1935. Em 1932, já era referenciado pela polícia como comunista, mesmo não pertencendo ao Partido Comunista Português. Neste ano, no fim da sua licenciatura, começou a trabalhar na Imprensa da Universidade. Mas com o encerramento da Imprensa em 1934 por motivos políticos, decidiu seguir a formação de professor, que já havia começado, voltando ao estágio no Colégio Portugal de Coimbra como professor de História e Filosofia.

De repente, em 1937, deixou o emprego em Coimbra para tentar a experiência lisboeta, como professor no ensino secundário. Foi em Lisboa que entrou no PCP, sem data certa, por volta de 1940 e noutros movimentos como o MUD e o MUNAF. Os anos na capital foram os que lhe permitiram uma ligação com os meios intelectuais da oposição. Ao contribuir para a Universidade Popular, dirigida por Bento de Jesus Caraça, fez intervenções de 1939 até 1944, data em que foi encerrada esta universidade. O período lisboeta caracterizou-se também por uma intensa atividade intelectual com a sua colaboração na coleção "Biblioteca Cosmos", dirigida também por Bento de Jesus Caraça. Esta popular coleção de divulgações científicas permitiu então a Flausino Torres publicar quatro livros, sobretudo os dedicados aos estudos dos



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

“primitivos” (*Civilizações Primitivas*, 1943; *Religiões Primitivas*, 1944, *Sociedades Primitivas*, 1946), e também sobre a Antiguidade (*O Mundo Mediterrânico do século XII a.C. ao século III d.C.*, 1945). Também publicou quatro volumes na coleção “Construindo” onde se interessou mais pelas raízes do comércio (*Primeiras sociedades comerciais*, 1946; *Primeiro Império Comercial*, 1946). Em ambas coleções, os livros de história têm em comum a marca nítida de uma linha intelectual: a escrita da história marxista. Com esses livros, Flausino Torres aproveitou o ensejo para tentar mostrar como as ideias marxistas podem fornecer uma relevante grelha de análise, até para sociedades remotas. Podemos comprovar essa ideia na introdução de um desses livros onde diz “Os problemas sociais têm sido, desde sempre, de importância primordial. Vê-lo-emos através da evolução da Humanidade, que vamos desenhar e que abre com este volume. A história do Homem é a história das lutas sociais. O lugar que o económico e o social ocupam na luta diária tem sido até hoje quasi absorvente. As preocupações científicas, artísticas, religiosas, filosóficas e outras têm sido sempre condicionadas por aquelas” (*Civilizações Primitivas*, 1944, p.6). O próprio Flausino Torres nunca negou escrever uma história claramente comprometida, mas não esquecendo exercer o seu juízo crítico.

Deixou subitamente Lisboa em 1947, ao herdar uma quinta em Tondela. Volta exclusivamente para sua atividade de professor do ensino secundário, agora no Colégio Tomás Ribeiro em Tondela, ao mesmo tempo que escreve com certa frequência em revistas e jornais da oposição como *Ver e Crer*, *a República* e *Independência de Águeda*. Segue escrevendo também para revistas científicas onde desenvolve a sua visão da história, opondo-se com outros historiadores portugueses. Assim, na *Revista de economia* faz uma recensão crítica do *História Económica e Social da Expansão Portuguesa* do Vitorino Magalhães Godinho onde critica a escassez de tratamento dos humildes sobretudo para um livro que pretende fazer uma história social. Pergunta «porque é que ao referir-se a Ceuta nada diz acerca das classes dominadas nem da situação em que se encontram em relação à burguesia comercial da cidade» (*Revista de Economia*, Volume I, Fascículo II, 1948, p.112) e também «fala constantemente em «burgueses», «cavaleiros», «nobres», «gentilhomens», «povo»; porque não define o que deve entender-se por isto?» (*Ibidem*, p.113). Sentimos nessas linhas o grande apego do Flausino para o tratamento do povo, este que considera como um grande esquecido da história e que deve ser tratado. Este povo português que nunca escapou para ele a luta das classes: num artigo da *Vértice* chamado “A propósito da história do povo português”, ele vê a Revolução de 1383-1385 como se “dum lado estão os portugueses que lutam pela independência nacional e pela vitória da sua classe – as duas lutas confundem-se – e do outro a nobreza e o alto clero, o pobre prefaciador fala em Portugal como dum corpo inteiriço” (*Vértice*, Volume XXIV, Júlio-Agosto de 1964, p.416) criticando aí a visão desenvolvido no prefácio da *História de Portugal* dirigida por Damião Peres. Ele segue a de Álvaro Cunhal na sua *As Lutas de Classes em Portugal nos fins da Idade Média*, apoiando esta ideia da importância das classes sociais na história e nas dinâmicas revolucionárias da história portuguesa.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Essas atividades intelectuais mas também políticas fazem que é cada vez mais vigiado pela PIDE até ser despedido do Colégio Tomás Ribeiro em 1961. Um ano depois foi prisioneiro por uns meses no Aljube. Impedido de ter uma atividade docente e sabendo de uma iminente prisão, tomou a difícil decisão de exilar-se.

Começa então em Dezembro de 1965 um novo período da sua vida que o levou a vários países. Depois de uma curta passagem em Paris, vai para Argel encontrar o núcleo da FPLN. As dissensões com os outros membros do FPLN levam-no a ir por alguns meses para Bucareste em 1967 onde estava exilado o seu filho. mas é em Praga, em Novembro do mesmo ano, que se fixou por uns anos com a sua mulher. É nesta cidade que ocorreram dois acontecimentos importantes. Um deles é a sua primeira experiência docente numa universidade, sendo convidado para a função de leitor de Cultura e de Língua portuguesa da Universidade Karlova de Praga. O outro acontecimento está muito ligado a atualidade: seguiu a alegria da Primavera de Praga e também a sua violenta repressão pelas tropas do Pacto de Varsóvia. Já com algumas discordâncias com o PCP, não entendeu como este partido que lutava contra a repressão do regime salazarista pôde apoiar a intervenção soviética. Foi numa solene reunião com outros exilados portugueses que partilhavam a sua posição que foi expulso do PCP por Álvaro Cunhal, recusando modificar o seu posicionamento. Flausino Torres encontrou-se então numa difícil posição: a de um opositor que se exilou, mas também sujeito a um ostracismo do PCP.

Nesta complicada situação, resolveu aproveitar da dita primavera marcelista para tentar regressar a Portugal, o que conseguiu em Junho de 1970. Voltou então em Tondela, já com mais de 64 anos e com problemas de saúde. O anátema do PCP fez que poucos dos seus antigos amigos viessem vê-lo em Tondela. Mas não foi por isso que abandonou a escrita da história: esses últimos anos foram até os da escrita de interessantes obras sobre a História de Portugal, como a *História Contemporânea do Povo Português* (1968 até 1973) e *Portugal: uma perspectiva da sua História* (1973). O primeiro mostra que mesmo com a exclusão do PCP, ele não mudou a sua maneira de ver a história e decidiu consagrar-se outra vez ao povo. O último é uma reedição do livro publicado pela primeira vez em Praga para os seus alunos. Porém, com pouco acesso às fontes, a sua originalidade consistiu na vontade de focar-se – outra vez – sobre o povo como motor da história, longe da tradicional história feita só pelos reis. O seu pensamento, até o crepúsculo da sua vida, nunca se afastou de uma visão nitidamente de esquerda e marxista, com a sua vontade de mostrar o papel dos esquecidos da história. Poucos meses depois do relâmpago do 25 de Abril, faleceu em Tondela, onde já havia uma rua com o seu nome desde Maio de 1974.

Bibliografia activa: *Civilizações Primitivas*, Lisboa, Edição Cosmos, 1943; *Religiões Primitivas*, Lisboa, Edição Cosmos, 1944; *O Mundo Mediterrânico do séc. XII a.C. ao séc. III.d. C.*, Lisboa, Edição Cosmos, 1945; *Sociedades Primitivas*, Lisboa, Edição Cosmos, 1946; *Primeiras sociedades comerciais*, Lisboa, Empresa Contemporânea de Edições, 1946; *Primeiro Império Comercial*, Lisboa, Empresa Contemporânea

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

de Edições, 1946; *Notas acerca da Geração de 70*, Lisboa, Portugália Editora, 1967; *História Contemporânea do Povo Português*, Vol.I até Vol.III, Lisboa, Prelo Editora, 1967; *Portugal: uma perspectiva da sua História*, Porto, Edição Afrontamento, 1973.

Bibliografia passiva: Paulo Torres BENTO, *Flausino Torres (1906-1974), Documentos e Fragmentos Biográficos de um Intelectual Antifascista*, Lisboa, Edições Afrontamento, 2006; João Manuel Martins MADEIRA, *Os « engenheiros de almas », O Partido Comunista e os intelectuais (dos anos trinta a inícios de sessenta)*, Lisboa, Estampa, 1996. José NEVES, *Comunismo e nacionalismo em Portugal, Política, cultura e história no século XX*, Lisboa, Tinta de China, 2008 ; Luís Reis TORRAL, *Estados Novos, Estado Novo*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

Christophe Araújo



APOIOS:

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

BNP BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

FUNDAÇÃO
LUSO-AMERICANA